

# GESTOS DE LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA: A TEXTUALIZAÇÃO DE MEMES NO IMBRICAMENTO DE DIFERENTES MATERIALIDADES SIGNIFICANTES<sup>1</sup>

Flávia Ferreira Santana<sup>2</sup>

## Introdução

Este trabalho tem por objetivo apresentar um recorte de nossa dissertação, mais especificamente, de uma das atividades realizadas durante o processo de intervenção pedagógica desenvolvida com alunos do 9º ano do E. Fundamental de uma Escola Pública, da rede estadual, no campo, no município de Baliza - GO, como parte dos trabalhos realizados no Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), unidade de Cáceres-MT.

A chegada da energia elétrica em 2011 no Assentamento Oziel Alves Pereira e da internet em 2017, por vias não institucionais, no Colégio de mesmo nome e na mesma localidade, no município de Baliza, estado de Goiás, onde desenvolvemos o projeto de que recortamos a atividade que trazemos, fez com que muitos de nossos alunos adquirissem aparelho celular, mesmo o acesso à internet sendo restrito aos funcionários da escola, gesto que lemos como um efeito do funcionamento do discurso da conectividade. (DIAS, 2018). A partir daí, realizavam conexões, com finalidades distintas, por meio de acordos que faziam com os respectivos proprietários das redes próximas ao colégio as quais passaram a ter um funcionamento de *lan houses móveis*.

Trazer à cena essas condições de produção nos pareceu importante, na medida em que coloca em evidência que, do ponto de vista técnico, as condições para a realização de um trabalho com as materialidades digitais em sala de aula no espaço rural/no campo eram mínimas, sobretudo, na modalidade *online*. Entretanto, o investimento em um trabalho, fortemente filiado ao digital, se deve ao nosso processo de identificação com essas práticas de ensino pois, na modalidade *offline*, tínhamos uma relação com o arquivo digital, que perfez um trajeto do CD/DVD à chegada da internet, nos inaugurando na rota da “e.mobilidade” (ORLANDI, 2018, p. 14), do digital *online*.

Um trabalho no qual procuramos compreender a ordem do digital em condições de produção dadas e que se deve também a nossa compreensão sobre a produtividade de realizar práticas polêmicas de leitura (PÊCHEUX, 2010), pelas quais poderíamos dar consequência à forma material do digital,

---

<sup>1</sup> Trabalho sob orientação de Maristela Cury Sarian (Professora do Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS UNEMAT/Cáceres).

<sup>2</sup> Professora de Língua Portuguesa da Educação Básica, vinculada à Secretaria de Estado de Educação - SEDUC/GO e a Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Baliza – SMEC/BALIZA-GO. Mestra em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado – UNEMAT. flavia.santana@unemat.br

desestabilizando, por esse movimento, a sua significação como objeto de aprendizagem, sobretudo, a necessidade de se romper com as injunções institucionais em funcionamento em distintas direções, referentes às interdições ao digital pois, é preciso destacar que mesmo a sociedade contemporânea sendo tomada por uma profusão de novas discursividades, notadamente as do eletrônico, não significa que essas discursividades e o digital têm entrada significativa e legítima na escola.

Orlandi (2001) chama a atenção para o fato de que, na escola, em se tratando do enfoque ao digital, o que circula como um efeito de evidência é uma reiteração dos mesmos espaços do dizer, quando o fundamental, segundo Dias (2014), seria desestabilizar o enfoque conteudista, como forma possível de mudar as práticas, sem a qual não se muda a abordagem dos instrumentos.

Vale ressaltar que acreditamos ser possível fazer um trabalho significativo sem a utilização das TICs, contudo acreditamos que, ao agregarmos as discursividades digitais em nossas aulas, os efeitos de sentidos podem ser ainda mais significativos. Nessa direção, o trabalho com memes é produtivo para praticarmos formas de leituras polissêmicas, principalmente as que vão se (re)configurando na materialidade digital, pois permite

a compreensão dessa outra forma de leitura, que é a leitura em série, que se naturaliza em nosso cotidiano pelas tecnologias digitais, leitura em smartphones por meio de aplicativos como (Whatsapp, Facebook, Instagram, Twitter), e que está ligada à 'cultura das séries'. (DIAS, 2019, no prelo).

Mobilizar as diferentes materialidades significantes permite que nossos alunos compreendam que a constituição dos sentidos se dá na diversidade das formas materiais que se encontram na textualização desses arquivos, e não somente em/por textos escritos, predominantemente verbais, escritos e longos, legitimados pela escola e por seus instrumentos linguísticos:

Não há um sistema de signos só, mas muitos. Porque há muitos modos de significar e a matéria significante tem plasticidade, é plural. Como os sentidos não são indiferentes à matéria significante, a relação do homem com os sentidos se exerce em diferentes materialidades, em processos de significação diversos: pintura, imagem, música, escultura, escrita etc. A matéria significante – e/ou a sua percepção – afeta o gesto de interpretação, dá uma forma a ele. (ORLANDI, 1996, p. 12).

### **Gestos de leitura na escola: o movimento da teoria ressignificando a prática**

Ao considerarmos as condições de produção constitutivas de nosso percurso profissional, cumprenos colocar em evidência o impacto produzido em nossa profissionalidade pela entrada no Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), no sentido de ter nos colocado num movimento de ressignificação de nosso fazer pedagógico, pela apropriação teórica, na área de linguística, sustentada na Análise de Discurso materialista, uma vez que nossa prática pregressa era atravessada por muitas teorias e por isso não tínhamos clareza de uma filiação teórica que a sustentasse e com a qual nos identificássemos.

Essa compreensão nos permitiu ancorar materialmente nossa pesquisa pela qual buscamos compreender os efeitos do discurso da conectividade (DIAS, 2015) na constituição dos sujeitos e dos sentidos do século XXI pois, conforme aponta Dias (2014, p. 12), “o sujeito-professor encontra sujeitos-alunos cada vez mais identificados em seus processos de subjetivação aos sentidos da mobilidade, que se define, na sociedade digital, pela conectividade”, ou seja, nossos alunos têm em suas histórias de leitura o atravessamento de textos que se constituem, são formulados e circulam no universo digital.

Deste modo, trabalhamos o processo de constituição, formulação e circulação de sentidos (ORLANDI, 2012a) em *memes*, entendidos como “forma material do discurso digital” (DIAS, 2019, no prelo), por compreendermos que “é na formulação que a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (e se esconde)”. (ORLANDI, 2012a, p. 9). Com a compreensão de que, na instância da circulação dos sentidos (ORLANDI, 2012a), poderíamos dar condições à irrupção dos gestos de autoria de nossos alunos, como efeito de sentidos na inscrição histórica, construção de uma posição para se dizer, conforme destacam Lagazzi (2015), Pfeiffer (2011) e Gallo (1994), criamos as condições para a instauração de um gesto de ensino de língua portuguesa politicamente significado.

Por isso, privilegamos o processo de produção de leitura sustentado na contradição constitutiva dos processos de textualização de *memes*, em que o verbal e o não-verbal contraditoriamente se imbricam (LAGAZZI, 2017), procurando dar condições aos alunos de, a partir de pesquisas realizadas na internet, construir um arquivo de leitura (DIAS, 2015), “num real trabalho de arquivos” (ORLANDI, 2012a, p. 38), como uma forma de instaurar uma entrada possível para desestabilizar o Discurso Pedagógico em funcionamento na escola (ORLANDI, 2009) que produz um apagamento das possibilidades de autoria para os sujeitos da escolarização.

Dessa maneira, criar pontos de escuta (ORLANDI, 2015), dar voz aos alunos, por meio da produção de práticas polêmicas das maneiras de ler (PÊCHEUX, 2010), na medida em que esse trabalho os desafiou a ensaiar gestos de leitura e, processualmente, pela desestabilização dos sentidos que circulam como evidentes, instauramos as condições para que compreendessem o funcionamento da repetição nas diferentes formas materiais em que os memes se textualizam, considerando sua propagação e replicação. (COELHO, 2014). Dessa forma, foi possível colocar em cena a produtiva e tensionada relação repetição/deslocamento produzida no batimento memória metálica, memória discursiva (COELHO, 2014), memória digital (DIAS, 2018) na imbricada relação de diferentes materialidades significantes (LAGAZZI, 2017).

Recortamos das atividades desenvolvidas em nossa intervenção o meme “Levanta a cabeça, princesa” (no formato vídeo) que se originou de uma fala da participante Jéssica no *reality show* BBB18<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> No dia 10/03/2018, Jéssica - uma participante do Big Brother Brasil 18 - reviveu a frase motivacional: ‘levanta a cabeça, princesa, senão a coroa cai’, ao dar conselhos para outra participante do *reality show*. A *sister* disse que costuma repetir a tal máxima quando está passando por momentos difíceis e, rapidamente, virou alvo de memes nas

e dois exemplares (no formato texto/imagem) de sua versificação (ORLANDI, 2012a), constituídos, nas palavras de Dias (2019, no prelo), pelo “efeito de série”, que circulou amplamente pela ironia produzida (CARROZZA; SANTOS, 2014), com vistas a dar condições aos alunos de perceberem o movimento de sentidos no jogo da paráfrase e da polissemia (ORLANDI, 2015) pela repetição dessas formas materiais, na memória metálica da rede.

**Figura 1-** Meme Levanta a cabeça princesa  
“Levanta a cabeça, princesa”



Fonte: Museu de memes (2018)

**Figura 2 -** Versão de meme  
“Levanta a cabeça, princesa”



Fonte: Google (2018)

**Figura 3 –** versão do meme  
“Levanta a cabeça, princesa”



Fonte: Google

O efeito de ironia produzido pelo meme em tela e sua serialização problematiza o lugar de fala de quem pode ocupar a posição-sujeito conselheiro, pois a formação discursiva em que se inscreve o público que se identificou com o meme e o fez circular repetidas vezes, aciona um já dito, uma memória sobre o sujeito que se propõe a dar um conselho, que pretende ensinar algo, orientar alguém, isto é, o funcionamento do não-dito que, para estar nessa posição, é preciso ter o que dizer, ter autoridade/legitimidade para produzir o efeito de convencimento em relação ao que diz.

No que se refere aos efeitos de sentidos produzidos em nossos alunos, marcadamente, manifestos por meio de risos, podemos dizer que esse movimento pode estabelecer relação com a consistência significativa do texto, que, em sua composição, mobiliza diferentes materialidades significantes pelas quais os sujeitos contemporâneos estão fortemente afetados, o que desestabiliza o funcionamento dominante do verbal na escola, pois há sentidos que reclamam outras linguagens os quais só significam, consistentemente, através da música, ou da literatura ou da pintura, ou seja, por meio de uma matéria própria, específica (ORLANDI, 1995). O recorte da fala da figurante do programa colado a um bordão-riso-meme célebre<sup>4</sup>, produz um efeito de sentido cômico ao meme, pondo em funcionamento sentidos de ridicularização constitutivos do processo de identificação dos sujeitos, que produziu uma circulação viral do meme, justamente por estabilizar uma evidência de sentidos que

redes sociais. Disponível em: <http://www.museudememes.com.br/sermons/levanta-a-cabeça-princesa/>. Acesso em: 11 fev. 2019.

<sup>4</sup> O garoto Riad Alves tornou-se meme no Brasil em 2014, por sua risada debochada ao final de vídeos montados por seu irmão mais velho, nos quais ele ria das mais distintas situações por eles consideradas cômicas. Anotação tomada do programa Famosos da internet, da apresentadora Elaine. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tXDUeA-ayYM>. Acesso: 18 out. 2019.

funciona para muitos brasileiros, a de que a mulher loira não é inteligente, parafrasticamente formulado como “loira é burra”.

Coelho (2014, p. 25), ao analisar o exercício parafrástico, a irrupção da polissemia e o deslize de sentidos no que se refere à quebra de expectativas em relação ao que seria o suposto bom conselho do pato conselheiro da tabela periódica dos “Advice animals<sup>5</sup>”, afirma que

temos a polissemia, o diferente que nasce do mesmo, o deslize dos sentidos, que através da repetição, temos algo novo. O efeito de deslize aqui se baseia na quebra de expectativa – espera-se que um pato dê bons conselhos, mas ao ver um pato oferecendo um conselho absurdo, há o deslize do sentido estabelecido inicialmente pela figura do pato, e aí, o efeito humorístico, que se dá pela ruptura com o sentido esperado, pela quebra do imaginário.

Nas palavras de Orlandi (2012, apud COELHO, 2014, p. 28), nessa relação acontece uma fuga de sentidos, deslocando as referências discursivas através da metáfora, criando o equívoco. Afinal, você deve seguir o conselho (do pato conselheiro; da Jéssica; do Chapolin Colorado; da amiga ou não?). Na dúvida, na fratura das formações imaginárias se produz o efeito de humor e de ironia que desestabiliza a evidência dos sentidos.

Destacamos para os alunos que um meme é uma textualidade/materialidade que se repete e/ou se viraliza, que circula exaustivamente na rede, que tem uma relação com o humor, com a ironia, com a contradição, com o questionamento, com a resistência. Ressaltamos que um meme poderia se configurar em “qualquer texto”, bastando se repetir e/ou viralizar na rede, que poderia se textualizar em composições distintas, como na materialidade fílmica imbricando diferentes materialidades significantes: palavras, música, movimentos do corpo, sonoridades, nas formulações, nos ditos, nos silenciamentos, nos não-ditos. (BOLOGNINI, 2009).

Em referência à Figura 2, perguntamos pelos gestos de interpretação a partir da imagem do Chapolin. Quisemos saber sobre o personagem, sobre o qual disseram ser: um herói, um humorista, um personagem. Indagamos se havia diferença entre herói, vilão, mocinho, bandido. Um convite para pensarem nos sentidos de um herói, configurado por eles como: ter músculos; marreta; ter cérebro; voar; ter inteligência e coragem. Enfatizamos a existência de muitos sentidos para as coisas do mundo como as muitas versões de heróis e que embora haja sobredeterminação do sentido de herói norte-americano aos demais, é um sentido que não pode ser tomado como único, assim como o do herói mexicano. Aproveitamos para destacar a possibilidade de produzir várias versões para leitura de um texto, pois, “ao lado de um texto formam-se famílias parafrásticas de tudo o que se poderia dizer. Essa margem em que as versões se gestam são parte do processo de significar”. (ORLANDI, 2012a, p. 142).

---

<sup>5</sup> Os *Advice Animals* são um tipo de meme da internet, dentro de todos os fenômenos da rede, que segundo o *Know Your Meme*, corresponde a imagens em série (denominadas por macros) com animais ou humanos, onde está inserido um texto que representa um/a personagem e os seus traços. (JESUS, 2013, p. 32, grifo do autor).

Para mostrar aos alunos a historicidade do significante herói, ou seja, os distintos efeitos de sentidos passíveis de produção, colocamos em relação o herói norte-americano e o latino-americano. Como efeito, vemos no herói latino-americano a ressonância da estabilização do pré-construído de herói atrapalhado, produzindo ironia pela suposta impossibilidade de ele vir a ler, citar Platão, gênio da inteligência grega e/ou dar um conselho inteligente, que reverbera nas palavras de uma mulher loira, Jéssica, que se pretendeu conselheira da amiga em um *reality show*, atualizando assim uma memória que ridiculariza, no caso em tela, o universo não letrado, e coloca em evidência imaginários sobre os povos da América, excetuando-se estadunidenses e canadenses.

Destacamos que, para se formular o meme em tela, fez-se um recorte das formulações de Jéssica. Quanto aos efeitos “previsíveis” de humor, estes dependeriam das histórias de leituras de cada sujeito-leitor (ORLANDI, 2012b), pois a produção dos efeitos de sentido se dá a partir das relações que cada sujeito estabelece com o texto. Enfatizamos que ter a referência do filósofo Platão, do referente Jéssica, do Chapolin, de um ou de outro ou mesmo dos três, poderia produzir atravessamentos nos modos de ler o meme, que, por seus efeitos, determinado discurso aciona. Em relação à Figura 3, uma aluna disse: “se uma amiga falar isso pra mim, eu rio na cara dela”, numa inscrição que problematiza mais uma vez a posição-sujeito em questão e que vimos discutindo.

### Considerações finais

Nessas condições, podemos afirmar que foram instauradas, nessas práticas de leituras que produzimos, o “furo” e a “resistência” (ORLANDI, 2018, p. 14) pelo funcionamento da contradição no batimento memória metálica - memória discursiva, pois

entre a memória histórica e a memória metálica (efeito de memória), o que estou chamando de *memória digital*. A memória digital seria, pois, o lugar da contradição, onde a memória escapa à estrutura totalizante da máquina (memória metálica), saindo do espaço da repetição formal se inscreve no funcionamento do interdiscurso (memória discursiva). (DIAS, 2018, p. 104-105, grifo do autor).

Ao filiar-mos este trabalho à perspectiva discursiva, entendemos ter sido possível colocar em evidência a opacidade e a incompletude da língua e a contradição constitutiva dos processos de textualização de memes, nos quais podem se imbricar diferentes materialidades significantes. Desta forma, acreditamos ter produzido condições para irromper os gestos de autoria em sala de aula, desestabilizando o discurso autoritário em funcionamento na escola, a partir da entrada das discursividades contemporâneo-digitais, em seu caráter material, significadas como uma possibilidade de ressignificar o ensino-aprendizagem de língua portuguesa na escola.

## REFERÊNCIAS

CARROZZA, G.; SANTOS, M. Da repetição ao deslocamento: uma análise do funcionamento dos memes. In: FERREIRA, A. C. F.; MARTINS, R. T. (orgs.). *Linguagem e tecnologia*. Campinas, SP: Editora RG, 2012. p. 95-108.

COELHO, A. L. P. F. *Braceyourselves, memes are coming formação e divulgação de uma cultura de resistência através de imagens da internet*. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Programa de Pós-Graduação Divulgação Científica e Cultural, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, 2014.

DIAS, C. P. Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus. *Revista Estudos Linguísticos*, São Paulo, SP, v. 44, n. 3, set./dez., p. 972-980, 2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1030>. Acesso em: 21 fev. 2018.

GALLO, S. M. L. *Texto: como apre(e)nder essa matéria?* Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), SP, 1994

JESUS, L. M. C. *Produção, reprodução e reflexividade: o caso dos Advice Animals*. Dissertação (Mestrado em Economia) – Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Coimbra, PT, 2013.

LAGAZZI-RODRIGUES, S. M. Texto e autoria. In: LAGAZZI-RODRIGUES, S. M.; ORLANDI, E. P. (Orgs.). *Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. p. 89-113.

ORLANDI, E. de L. P. Prefácio. In: DIAS, C. *Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo*. Campinas: Pontes, 2018. p. 11-18.

ORLANDI, E. de L. P. *Discurso e texto: formulação e circulação de sentidos*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012a.

ORLANDI, E. de L. P. *Discurso e leitura*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012b.

ORLANDI, E. de P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 5.ed. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (org.). *Gestos de leitura*. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010. p. 49-59.

PFEIFFER, C. R. C. Compreender discursivamente a escola: uma possibilidade construída. In: RODRIGUES, E. A.; SANTOS, G. L. dos; CASTELLO BRANCO, L. K. A. (orgs.). *Análise de Discurso no Brasil: pensando o impensado sempre: uma homenagem a Eni Orlandi*. Campinas, SP: RG, 2011. p. 231-242.